

Governo deve investir US\$ 100 milhões

por Eliane Guillarducci
de São Paulo

O governo federal deverá investir nos próximos três anos, até 1989, cerca de US\$ 100 milhões para fazer o planejamento do chamado Plano Operativo do Projeto Grande Carajás, que visa complementar a infraestrutura básica da região. A informação foi fornecida ontem, em São Paulo, pelo secretário-executivo do Conselho Interministerial do Programa Grande Carajás, Francisco Salles Baptista Ferreira.

Esse planejamento compõe-se de quatro linhas básicas: a elaboração de mapas previsionais que fornecerão informações sobre os recursos naturais da região, devendo exigir recursos da ordem de US\$ 50 milhões; estudo de mercado para os projetos a serem instalados; plano-diretor da ferrovia para a instalação de distritos industriais e núcleos urbanos; e o projeto carvão vegetal, no qual o governo pretende envolver os cerca de 500 mil pequenos agricultores da região.

Os recursos para esse planejamento deverão ser alocados pela Financiadora

de Estudos e Projetos (Finep), pelo Conselho de Não-Ferrosos e de Siderurgia (Consider), pela Companhia Vale do Rio Doce (CVRD), pela Interbrás e pelo Programa Grande Carajás (através da Seplan), entre outras fontes.

De 1975 até o momento, de acordo com Ferreira, foram investidos cerca de US\$ 10 bilhões na infraestrutura básica do Projeto Carajás, que compreende a hidrelétrica de Tucuruí, a ferrovia de Serra do Carajás até o Porto de Ponta da Madeira, com 892 quilômetros; os portos de Vila do Conde, Itaqui e Madeira e as obras da mina de ferro de Carajás, incluindo o aeroporto e demais instalações.

O Projeto Carajás ocupa uma área de 900 mil quilômetros quadrados, compreendendo ao norte o rio Amazonas e o oceano Atlântico; ao sul um paralelo de 8 graus, cortando os estados do Maranhão, Goiás e Pará; a leste o rio Parnaíba (divisa entre Maranhão e Piauí) e a oeste, o rio Xingu, no Estado do Pará.

PROJETOS APROVADOS

Do final de 1985 até o momento, a Secretaria do

Grande Carajás já aprovou doze projetos minero-metalúrgicos, que somam investimentos da ordem de US\$ 200 milhões. Desse total, oito correspondem à produção de ferro gusa (num total de 670 mil toneladas/ano), que demandarão investimentos em torno de US\$ 40 milhões; dois são de ferro-manganês; um de ferro-silício e um de manganês metálico. Cerca de 70% dos investimentos virão de recursos próprios das empresas e o restante de linhas de financiamento e incentivos fiscais do Programa Carajás.

O Programa Carajás prevê basicamente dois tipos de incentivos: a isenção do Imposto sobre Produtos Industrializados (IPI) e a isenção do Imposto de Renda na operação do projeto, por um período de dez anos, além da isenção de impostos na importação de equipamentos.

Segundo Ferreira, encontram-se em análise pelo Conselho do Grande Carajás mais vinte projetos, dos quais cerca de quinze referem-se à produção de ferro-gusa, alguns projetos agro industriais e um para a produção de enxofre, a partir da gipsita,

da Natron, empresa de consultoria de projetos. No momento, de acordo com ele, os projetos de ferro gusa são os de maior interesse porque correspondem à primeira transformação do minério de ferro.

Ferreira, que participou ontem em São Paulo das assembleias gerais ordinária e extraordinária da Prometal Produtos Metalúrgicos S.A., disse que a mudança governamental não alterou as diretrizes do Projeto Carajás a nível industrial, mas está exigindo uma atenção maior para os aspectos sociais do programa, já que não é possível apoiar a implantação industrial mantendo uma defasagem cada vez maior entre o homem da região e o desenvolvimento industrial.

BRASIL — 3º MAIOR PRODUTOR

A Prometal, o terceiro maior produtor nacional de ligas à base de manganês, é uma das empresas que já tiveram o seu projeto aprovado pelo Programa Carajás. A empresa já está implantando em Parauapebas, a 100 quilômetros de Marabá, um projeto minero-metalúrgico para a

produção de 70 mil toneladas de ferro-ligas à base de manganês, com investimentos previstos em cerca de US\$ 38 milhões.

Eduardo Jaime Seabra, diretor-presidente da empresa, disse ontem que o Brasil deverá neste ano tornar-se o terceiro exportador mundial de ferro-ligas, ultrapassando a França e ficando abaixo apenas da África do Sul e da Noruega (por ordem de

importância). Em 1986, de acordo com ele, o Brasil prevê vender externamente cerca de US\$ 300 milhões, ou um volume entre 350 mil e 400 mil toneladas. Em 1985, o Brasil exportou 338 mil toneladas, no valor de US\$ 262 milhões. Nos últimos dez anos, as exportações brasileiras de ferro-ligas cresceram cerca de 19,7% ao ano em volume e, cerca de 22% em receita, de acordo com ele.

CAZEA MERCANTIL, 30.04.86

